

A CASA MUSEU EMA KLABIN

Há anos vinha acumulando a ideia de visitar a Casa Museu Ema Klabin, situada no Jardim Europa bem defronte o Museu Brasileiro de Escultura – MUBE, uma das obras primas legadas pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha. Numa tarde chuvosa em Sampa, que costuma dar um nó no trânsito, fomos com casal de amigos que conhecem bem a cidade e sabiam desviar dos principais pontos de congestionamento.

Aproveitamos para visitar o MUBE, é sempre um prazer renovado retornar ao edifício com sua arquitetura espetacular e inserção diferenciada no lote, no bairro e na cidade. Havia uma extraordinária mostra sobre a Amazônia, que incluía cartazes e publicidade do governo ditatorial para a ocupação da região por indústrias, estradas e outras atividades que, como resultado, deixou a floresta vulnerável ao processo em curso de destruição, reduzida a pastos e incêndios constantes.

Do outro lado da rua, difícil até de atravessar na faixa de pedestres, fica a casa da Fundação Cultural Ema Gordon Klabin, criada em 1978 e aberta ao público em 2007. Seu objetivo é conservar e divulgar o acervo artístico, histórico e científico reunido ao longo de mais de 70 anos pela empresária, mecenas e colecionadora, além de promover atividades culturais e educativas.

Circulei pela casa com espanto e curiosidade. De um lado, sem entender como uma pessoa tão rica e culta poderia ter construído uma casa tão cafona, chocante contraste com a arquitetura de Paulo Mendes da Rocha do outro lado da rua. Do outro, a magnífica coleção de pinturas de arte brasileira, tem Portinari e a fina flor do modernismo brasileiro, embora a distribuição de parte das 1500 peças de arte colecionadas por Ema torne a visita à casa meio confusa, numa mistura de arte asiática, africana, artes decorativas e até do período pré-colombiano. De qualquer forma, ela usou parcela da grana que amalhou em arte, tanta grana que nem podemos imaginar quanto, e a tornou acessível a nós comuns mortais, coisa pouco usual entre os miliardários tupiniquins.

Assim, a história de Ema foge da típica história dos herdeiros da riqueza extrema no Brasil, a maioria não tem a menor preocupação com arte ou cultura. Seu pai foi um dos fundadores das indústrias de papel e celulose Klabin, a maior produtora e exportadora de papéis do país. Ema foi educada na Europa e tornou-se admiradora de artes plásticas e música. Desde jovem começou a colecionar objetos de arte e porcelana. Quando o pai faleceu em 1946, sucedeu-o no conselho da empresa. Não se casou e não teve filhos, passando a se dedicar à atividade empresarial e às atividades filantrópicas e culturais de São Paulo. O projeto de sua casa em estilo eclético foi projetado pelo engenheiro-arquiteto Alfredo Ernesto Becker, autor de diversas residências no mesmo bairro.

Ao circular pela casa, deparei-me com o banheiro de sua suíte. Tudo de maior luxo na época, mas eclético demais para meu gosto. Um detalhe me chamou a atenção: a parede envidraçada do teto ao chão, voltada para os jardins, mas visível da avenida. Fico imaginando o motorneiro do ônibus elétrico da antiga CMTC parando no sinal e, distraído, ser surpreendido pela visão da magnata e mecenas no banho.

Ema teve uma ativa participação na vida cultural da cidade. Foi membro dos conselhos da Fundação Bienal de São Paulo, do MASP, do Museu de Arte Moderna de São Paulo. Sua casa era um ativo ponto de encontro de importantes personalidades do mundo da política, dos negócios e das artes. Veio a falecer em 1994.

Mauro Ferreira é arquiteto